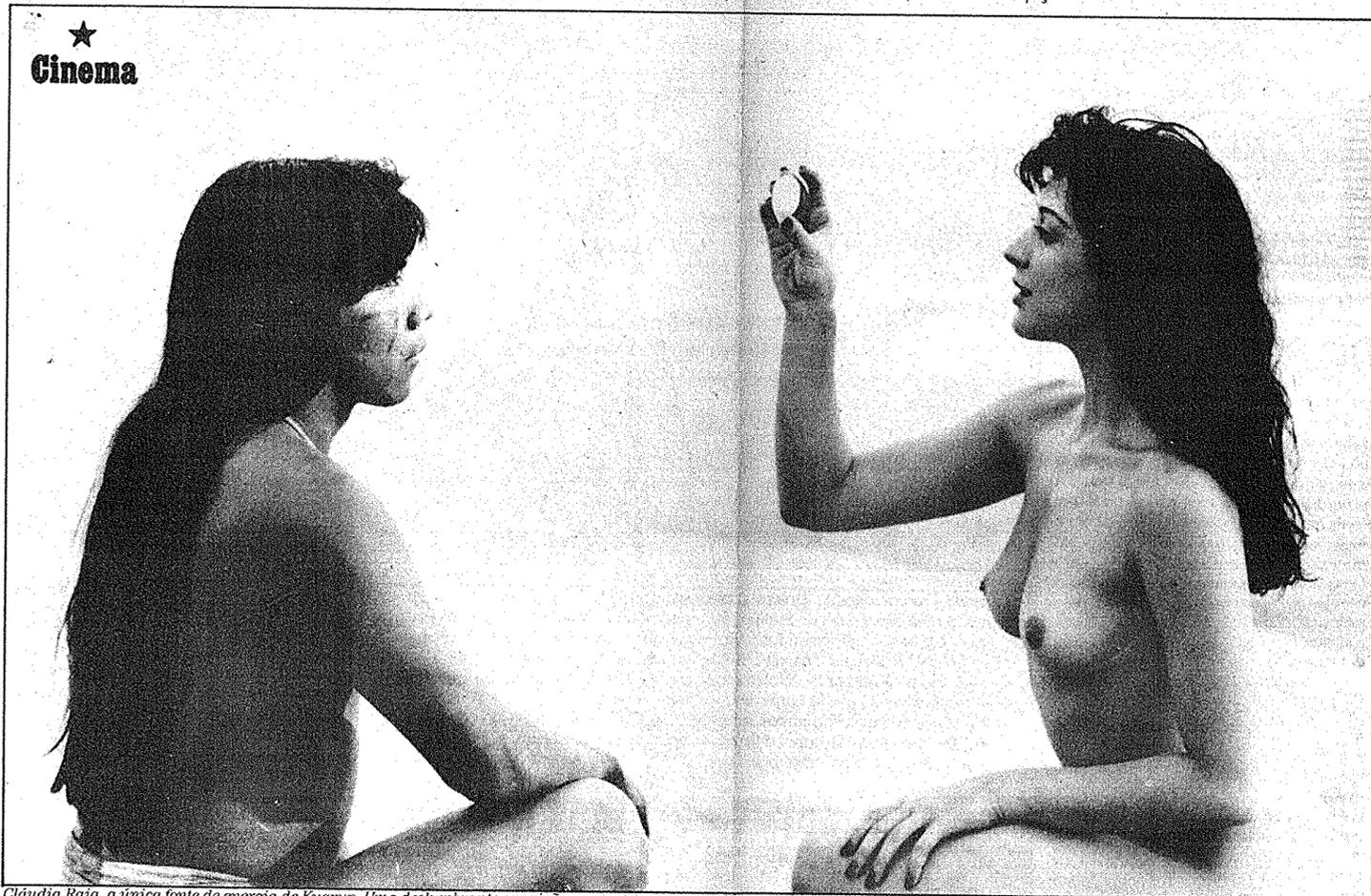


Kuarup, um lamentável malogro.

Os resultados não correspondem à arrogância do projeto. O filme de Ruy Guerra é uma curiosa decepção.

★
Cinema



Cláudia Raia, a única fonte de energia de Kuarup. Uma deslumbrante aparição.

Há quem pretenda muito, mascarando essa pretensão com a modéstia. E há quem pretenda muito sem disfarce nenhum — e neste caso, quando os resultados são negativos, a repercussão tem muito mais intensidade. O filme *Kuarup*, dirigido por Ruy Guerra e por ele mesmo adaptado ao cinema, sendo que nessa tarefa teve a ajudá-lo um certo Rudy Lagemann, pertence à segunda categoria. É principalmente a arrogante ousadia do projeto que torna mais evidente o seu respeitável e lamentável, mas também indisfarçável, malogro.

Kuarup não é uma produção destinada à fácil digestão dos milhões que consomem, sem distinguir entre um e outro, filme e saco de pipocas. Atirá-lo na vala comum do cinema industrial produzido ou teleguiado por Hollywood será completamente injusto. Ao mesmo tempo, não há como disfarçar a oportunidade perdida de se criar um grande espetáculo de boa qualidade cinematográfica, capaz de tocar a sensibilidade da platéia da mesma forma como no início da década de 70 o romance de Antonio Callado tocou profundamente a sensibilidade dos leitores, tornando-se inclusive um êxito de vendagem.

O livro tem narrativa em épocas diferentes, hospeda um formidável número de personagens, faz com que a História passe ao fundo de suas ações individuais. Não é exatamente a fácil ou mais clara literatura. Mas perto da confusão armada pelo roteiro do filme, fica parecendo tão inteligível quanto uma história para crianças. Acompanhando a crise existencial de padre Nando (interpretado por Taumaturgo Ferreira, sem nenhum carisma ou empatia; uma escolha desastrosa) e seu perambular físico e psicológico em busca da própria identidade, vai e volta várias vezes no tempo, entre 1964 e 1954. As datas se alternam, mas isto não resulta em nenhuma progressão dramática, idas não ajudam a esclarecer vindas, e vice-versa.

Quando este ritmo parece estabelecido, a narrativa salta dos anos limites e pára em 1961, emperrando definitivamente na expedição em busca de Sônia e do centro geográfico do Brasil. A única coisa que pode manter o espectador interessado nessa parte será — para os que desconhecem o romance — a esperança de rever Sônia, que interpretada por Cláudia Raia fica como a única fonte de energia, vigor e verdade de todo o filme. Mais ainda, até: essa atriz de 22 anos é uma das mais deslumbrantes aparições femininas do cinema nas últimas décadas e quem for ao filme apenas para vê-la não terá por que reclamar do preço da entrada.

Kuarup é uma produção tão visivelmente cara (divulgam-se orçamentos entre 3,5 e 5,5 milhões de dólares) quanto visivelmente desleixada no seu acabamento. Esse desleixo (que se estende, inclusive, ao material enviado à imprensa, mal traduzido do francês e do inglês, pois entre outras derrapadas *Os Cafajestes* é chamado de *Les Voyous* e *A Queda de The Fall*) seria menos perceptível se as ações vistas na tela tivessem um mínimo de emoção. Mas o filme, no que deve ser uma opção do diretor, é extremamente frio, extremamente "desdramatizado". E embora seja definido como no mínimo oportuno por haver aparecido num ano em que Amazônia, índios e meioambiente estão sendo universalmente discutidos, não se detém especificamente sobre nada disto. Índios — em menor número do que se espera — e floresta estão em cena quase que apenas para compor o quadro.

Naturalmente o roteiro tem intenção de privilegiar as relações dos personagens entre si, suas crises e diferenças, a reflexão sobre a repressão militar e a esperancosa ingenuidade das ações que a provocaram ou que a ela tentaram se opor, as diferenças e barreiras entre sagrado e profano, entre castidade imposta e livre exercício da vida, entre arbitrária disciplina e a comunhão com ritmos e ritos da natureza. Pouco se consegue ir além das intenções, ainda que o cineasta Ruy Guerra tenha seu estilo, saiba como armar belas cenas e movimentar sua câmara com elegância. Há momentos isoladamente arrebatadores, embora não muitos. A fotografia de Edgar Moura é muito bonita (às vezes até insistia demais em sê-lo), a trilha sonora de Egberto Gismonti está muito abaixo do seu trabalho em *Avatê* (este sim, um filme que falava de índios e de meio ambiente) e o elenco é desequilibrado.

A impressão geral com relação aos intérpretes é a de haver faltado tempo para ensaios, especialmente para os obrigados à adoção de um grotesco arretrado de sotaque nordestino, sem falar do cor-strangedor sotaque "inglês" imposto à Maitê Proença. Os raros que se destacam o fazem por empenho individual: caso de Cláudio Mamberti como o apaixonado Ramiro, sempre verdadeiro.

Com defeitos tão óbvios, *Kuarup* não deixa contudo de merecer atenção. E não apenas pela arrasadora Cláudia Raia, mas por como se apresenta como uma proposta diferente do trivial para descerebrados oferecido pelo cardápio convencional do cinema para mercado. Uma sessão de cinema frustrante, mas pelo menos curiosa.

Edmar Pereira

Kuarup — Direção, Ruy Guerra. Roteiro, Ruy Guerra e Rudy Lagemann, adaptado do romance *Quarup*, de Antonio Callado. Fotografia, Edgar Moura. Música, Egberto Gismonti. Com Taumaturgo Ferreira, Fernanda Torres, Cláudia Raia, Cláudio Mamberti, Umberto Magnani, Maitê Proença, Cláudia Ohana, Lucélia Santos, Mauro Mendonça, Stênio Garcia, Ewerton de Castro, etc. Produção 1989, Brasil. Cines Olido 1, Cinearte 1, Eldorado 2, Interlagos 3, Center Norte 2.